

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

Livro de Jó

OLIVEIRA DOS SANTOS Antônia Bianca

GILSON Jean

BATISTA DE OLIVEIRA João Vitor

DIAS DE SOUZA Johnatan

OLIVEIRA DA SILVA Lucas

AUGUSTO Natan

SILVA Rafael Lucas da

LITERATURA SAPIENCIAL

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2025

INTRODUÇÃO:

O Livro de Jó é considerado uma das obras-primas da literatura sapiencial bíblica. Trata-se de uma narrativa dramática que entrelaça prosa e poesia para refletir sobre a condição humana diante do sofrimento, da injustiça e da busca pela compreensão de Deus. Jó apresenta o paradigma do homem justo, fiel às leis e tradições, cuja vida próspera é abruptamente transformada por perdas, enfermidades e provações (cf. Jó 1,1-2,10). Essa experiência o coloca em confronto com a teologia da retribuição, fortemente presente na tradição bíblica, segundo a qual o justo seria recompensado com prosperidade e o ímpio castigado com desgraças.

A estrutura do livro revela sua complexidade literária e teológica, os capítulos iniciais (1–2) e finais (42,7–17) em prosa molduram o drama central, no qual Jó aparece como um homem exemplar, posto à prova em sua fidelidade. O corpo principal da obra (3,1–42,6) é formado por poemas que reúnem discursos e debates entre Jó e seus três amigos, Elifaz, Baldade e Sofar, além da intervenção de Eliú e, finalmente, da manifestação de Deus. Os amigos defendem a lógica da retribuição e interpretam o sofrimento de Jó como consequência de pecado oculto (cf. Jó 2,11-13). No entanto, Jó recusa essas interpretações, insistindo em sua inocência e questionando a justiça divina.

O clímax da narrativa ocorre com a intervenção de Deus, que não oferece uma resposta direta às queixas de Jó, mas apresenta a grandeza da criação e o mistério da sabedoria divina (cf. Jó 38,1-41,26). Essa resposta desloca o foco do sofrimento humano da lógica simplista da retribuição para uma perspectiva mais ampla, na qual se revela a majestade de Deus e a limitação do conhecimento humano. Assim, o Livro de Jó problematiza as explicações fáceis sobre a dor e propõe uma reflexão profunda sobre a justiça divina, a condição humana e a necessidade de confiança no mistério de Deus. Desse modo, com base no livro, *O Grito de Jó*, de Luiz José Dietrich, trataremos de apresentar uma síntese da principal mensagem que o livro de Jó traz para o povo de seu tempo, bem como a reflexão transmitida para os dias de hoje.

2. ESTRUTURA DO LIVRO

A estrutura do livro é comparada a uma moldura ou um grande espetáculo teatral, com duas “portas” de entrada e saída em prosa, que envolvem o corpo principal em poesia.

- Porta de Entrada (cf. Jó 1–2): Escrita em prosa, esta seção introduz a história de Jó, o descreve como um homem justo e pio, e estabelece a “Teologia

da Retribuição”. Nessa teologia, a riqueza e a felicidade são vistas como recompensas divinas para os justos, enquanto a pobreza e o sofrimento são punição para os pecadores. Jó é apresentado como um personagem que “aceita tudo” o que lhe acontece, sem questionar (cf. Jó 2,10).

- **Corpo Principal do Livro** (cf. Jó 3–42,6): Esta parte, escrita em versos, é o cerne do livro. Consiste em diálogos e discursos entre Jó e seus amigos (Elifaz, Bildade, Zofar e Eliú), e a intervenção final de Deus (cf. Jó 38,1-41,26). O texto destaca uma “nova teologia”, que surge a partir da rebeldia de Jó. Contrário à sua atitude na prosa inicial, o Jó da poesia é rebelde, questionador e não aceita passivamente seu sofrimento. A poesia questiona a Teologia da Retribuição, defendendo que a experiência do sofrimento é universal e não necessariamente ligada ao pecado.

- **Porta de Saída** (Jó 42.12–17): Escrita novamente em prosa, esta parte encerra a narrativa, com Jó recuperando seus bens e sua vida. O final em prosa retoma a Teologia da Retribuição, mostrando o triunfo da justiça divina, o que contrasta com a teologia questionadora apresentada na poesia.

3. REDAÇÃO

A redação do livro de Jó parece ter sido realizada em momentos diferentes, pois apresenta uma significativa mudança entre as prosas e poesias no texto. As contradições entre a prosa e a poesia, sugere que as duas partes podem não ter sido escritas pela mesma pessoa ou na mesma época. Provavelmente composta entre os anos 450 e 350 a. C. no período do pós-exílio durante a dominação persa.

- **Jó e Deus:** Na prosa, Jó não acusa Deus, enquanto na poesia ele faz “várias acusações sérias e se queixa (cf. Jó 2,10). A figura de Satã também é mencionada como uma função no texto em prosa e não como um nome próprio, enquanto o texto poético não se refere a ele (cf. Jó 1,7; 2,2-3).

- **Causa do Sofrimento:** A narrativa em prosa sugere que a ruína de Jó foi causada por Satã, mas a poesia pode indicar que ela foi causada por pessoas ou invasões estrangeiras (cf. Jó 1, 9-12; 1,13-22).

- **Personagem de Jó:** O Jó da narrativa é “paciente” (cf. Jó 1,1-2,10; 42,10-17), uma figura que se tornou proverbial, enquanto o

Jó da poesia tem uma atitude “rebelde e questionadora” (cf. Jó 3,1-42,6).

4. “UMA CASA COM DUAS PORTAS MUITO VELHAS” (JÓ 1,1-2 E 42,12-17)

O livro de Jó foi escrito durante o domínio persa, em um período de intensa exploração social e econômica na Judeia. A sociedade era dividida entre os ricos sacerdotes do Templo, que acumulavam poder, e os camponeses empobrecidos, que perdiam suas terras e filhos. Essa opressão era reforçada pela religião, que marginalizava os pobres e via a riqueza como um sinal da bênção divina e a pobreza como um castigo. A história de Jó, que perde tudo apesar de sua justiça, é uma crítica a essa teologia oficial da retribuição, servindo como um eco dos protestos sociais da época.

5. “NO QUARTO DE UM HOMEM AFLITO” (JÓ 3–11)

Diferente do início, o livro de Jó passa a dar voz à revolta do protagonista, que amaldiçoa o dia de seu nascimento. A dor de Jó não é apenas individual; ela representa o sofrimento dos marginalizados e dos pobres. Ele questiona a teologia que atribui todo sofrimento a um castigo de Deus e rejeita as respostas simplistas de seus amigos, que o acusam de ter pecado. Jó não busca ajuda material, mas sim justiça e compreensão, e percebe que a religião e a lei, em vez de promoverem compaixão, se tornaram instrumentos de exclusão. A história desafia o leitor a repensar a imagem de Deus e a fé, transformando-a em solidariedade.

6. “TENHAM PIEDADE!” (JÓ 12–20) - SEGUNDO DISCURSO

Nesta parte, as acusações dos amigos contra Jó se tornam mais diretas. Eles continuam a defender a teologia da retribuição, que justifica o sofrimento dos pobres e a prosperidade dos ricos. Jó, por sua vez, denuncia a falta de compaixão deles, mostrando que a verdadeira fé deve ser medida pela realidade dos que sofrem. Ele clama por piedade e solidariedade, contrapondo sua experiência ao “Deus oficial” que os amigos defendem. O texto propõe uma releitura onde o “Deus de Jó” é um Deus próximo dos oprimidos, e a missão dos cristãos é ser uma presença solidária, e não acusadora.

7. AS RESPOSTAS DE VOCÊS SÃO PURA TAPEAÇÃO: UMA TEOLOGIA DA COZINHA (Jó 21-27)

Jó acusa seus amigos de “tapeação” e mentiras, pois a teologia deles não condiz com a realidade do sofrimento. Ele se opõe à teologia da retribuição, que justifica a riqueza dos poderosos e culpa os pobres por sua miséria. A perspectiva de Jó, que o texto chama de “teologia da cozinha”, nasce da experiência concreta da exploração e da

exclusão, mostrando que a miséria não vem de Deus, mas de sistemas injustos. Enquanto os amigos estão presos às suas teorias, Jó, em sua dor, questiona um Deus que parece impiedoso. A "teologia da cozinha" nos ensina a priorizar a realidade dos que sofrem para encontrar a verdadeira face de um Deus que se solidariza com os oprimidos.

8. “A REVELAÇÃO DE DEUS NA REVOLTA DE JÓ: DEUS X DEUS” (JÓ 29-31 E 38,1-42,6)

Nos discursos finais, Jó reafirma sua inocência, lamentando o abandono e clamando a Deus. A resposta divina, porém, não oferece explicações lógicas; em vez disso, Deus revela a complexidade da criação. Essa resposta surpreendente mostra uma “pedagogia do livro”, ir além das ideias simplistas sobre justiça e propor uma fé mais madura. O epílogo, que restaura os bens de Jó, encerra a narrativa, mas sem resolver completamente o mistério do sofrimento. O livro de Jó, no final, não busca justificar o mal, mas sim ensinar a confiar em um Deus cuja justiça se manifesta na condução à plenitude, e não apenas na retribuição.

REFERENCIA:

Nova Bíblia Pastoral, edd. P. Bazaglia-A.C Frizzo-D. Scardelai et al. Paulus, São Paulo 2014.

DIETRICH Luiz José, *O Grito de Jó*, Paulinas, São Paulo 1996.